



# Dissonância

*revista de teoria crítica*

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

[www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica)

<b>Título</b>	Epílogo: desambiguando o populismo
<b>Autor</b>	Bernard E. Harcourt
<b>Tradutora</b>	Adriana P. Matos
<b>Fonte</b>	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v. 3 n. 2, Dossiê Theodor W. Adorno, Campinas, 2º Semestre de 2019.
<b>Link</b>	<a href="https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/article/view/3877">https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/article/view/3877</a>

Formato de citação sugerido:

HARCOURT, Bernard E.. “Epílogo: desambiguando o populismo”. Trad. Adriana P. Matos. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 3 n. 2, Dossiê Theodor W. Adorno, 2º Semestre de 2019, p. 463-477.

# EPÍLOGO

## desambiguando o populismo

Bernard E. Harcourt<sup>1</sup>

*Tradução de Adriana P. Matos<sup>2</sup>*

O *Práxis 9/13* sobre “Populismo de esquerda” abriu com a provocativa questão se Bernie Sanders é um populista de esquerda. A discussão começou com um excerto das primeiras páginas do livro *Guide to Political Revolution*, de Bernie Sanders:

O *povo americano* entende que assistência médica é um direito de todos e não um privilégio, e que em uma economia global competitiva nós devemos fazer com que as universidades e faculdades públicas sejam gratuitas. O *povo americano* sabe que em meio à desigualdade massiva de riqueza e renda os muito ricos devem começar a pagar sua parte devida de impostos...Isso não é o Bernie Sanders falando. Isso é o que pesquisa após pesquisa *mostra que o povo americano quer* (Sanders 2017: x-xi).<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Bernard E. Harcourt é Professor de Direito e Ciência Política na Universidade Columbia e Diretor do Centro para Pensamento Crítico Contemporâneo da Universidade Columbia (CCCCT).

<sup>2</sup> Doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Núcleo Direito e Democracia do Cebrap.

<sup>3</sup> Ênfase adicionada.

Sanders se vangloria, ali, de ter enfrentado todo o “*establishment*” e faz um apelo emocional profundo a seu público para que se junte a um momento revolucionário (2017: ix). “Esse é o nosso país. Nos ajude a tomá-lo de volta. Se junte à revolução política” (2017: xii).

No encerramento do rico debate do *Práxis 9/13*, o comentarista final retornou à questão, ainda sem resposta, “Bernie Sanders é um populista?” – à qual Jan-Werner Müller respondeu: “Obviamente não!”.

“Obviamente não” para Müller, porque Müller identifica e define populismo, desde o início, em seu livro *What is Populism?* (2016), como algo mais que um mero apelo ao “povo”. É algo mais que mero antielitismo. Müller argumenta que o populismo é inerentemente antipluralista, representa uma forma de política identitária e faz uma reivindicação exclusiva e excludente à representação. Ele instancia o antagonismo schmittiano amigo/inimigo. Ele se localiza, com efeito, no tipo de “populismo estratégico” que Aysen Candás distingue de um mero e existencial apelo ao povo.

Esse debate, contudo, mais que qualquer coisa, revela o real espectro que assombra não o mundo – como Ionescu e Gellner escreveram em 1969 –, mas o próprio uso do termo “populismo”: a dificuldade nominalista de aplicar um rótulo abstrato a fenômenos que são inextricavelmente singularidades realmente existentes na história. A discussão em *Práxis 9/13*, ao que parece, foi uma lição prática para o nominalismo.

Para ir diretamente ao cerne da questão: no instante em que vamos além da definição minimalista, básica, de “populismo” como um antielitismo e atribuímos ao termo certas características – como um líder forte, uma fronteira excludente, ou a distinção schmittiana amigo/inimigo – nós caímos na armadilha nominalista. Para ser claro, a armadilha que o nominalismo busca evitar ao favorecer o estudo de singularidades históricas sobre a nomeação de fenômenos.

O que isso significa é que qualquer discussão do “populismo” deveria ser precedida por uma análise extremamente cuidadosa das maneiras que a palavra está sendo usada, de forma que o “argumento” não seja “incorporado” na definição. Como resultado, qualquer uso do termo deveria ser precedido pelo equivalente de uma daquelas páginas de “desambiguação” da *Wikipedia*.

Para nossas intenções, eu elaborei o começo de uma página da *Wikipedia* “populismo (desambiguação)”:

## **Populismo (desambiguação)**

*Populismo* pode se referir a:

- *Populismo (descrição minimalista)*: uma técnica política que apela para um “nós, o povo” como oposto a uma elite e portanto opera na forma de um antielitismo; o termo “substantivamente e existencialmente populista de esquerda” de Aysen Candás (2019) se encaixaria nessa categoria, como a definição

de senso comum de populismo que Jan-Werner Müller rejeita em seus escritos sobre o populismo.

- *Populismo (movimento social)*: um movimento social que contesta o poder político dominante como elitista e não representativo do povo; destina-se a ser oposto ao “*populismo (no poder)*” – quando um movimento toma o poder e governa, ver o texto de Nadia Urbinati (2019).

*Populismo (autoritarismo)*: um uso pejorativo do termo que se baseia no argumento de que o *populismo (descrição minimalista)* necessariamente tende ao autoritarismo (definido como não-pluralista e iliberal) se passa a ser *populismo (no poder)*; essa é a posição de Seyla Benhabib (2019), Jean Cohen (2019), e Jan-Werner Müller (2019); e, cada vez mais, a de Federico Finchelstein (2019) também.

- *Populismo (falsa ideologia)*: um uso pejorativo do termo que captura o uso puramente estratégico, instrumental e hipócrita de um “nós, o povo” de maneira a avançar o empoderamento político de um líder ou um partido que na verdade constitui uma elite ou minoria da população; essa é a posição de Didier Fassin (2019).

- *Populismo (América Latina pós-1945)*: os regimes populistas clássicos, neoliberais e neoclássicos da América Latina, incluindo Perón, Menem e Kirchner na Argentina, Chávez e Maduro na Venezuela e outros no Brasil, no Peru, na Bolívia; ver *From Fascism to Populism in History* de Federico Finchelstein (2017).

- E assim por diante...

Eu, como um nominalista, não estou certo de que é útil sequer manter o rótulo “populismo”. Mas, se mantemos, então eu estou convencido de que nós precisamos usar uma linguagem mais cuidadosa. Essa é a única forma, eu diria, para compreendermos melhor uns aos outros e articularmos mais cuidadosamente nossos argumentos. Isso nos permitirá, por exemplo, rearticular mais claramente a posição de cada um no *Práxis* 9/13:

Aysen Candas propõe uma brilhante distinção entre “populismo como substância” e “populismo como estratégia”. Nos termos da desambiguação, eu sugeriria que sua noção de “populismo como substância” se localiza no *populismo (descrição minimalista)* com uma particular valência, a saber, que o “nós, o povo” é constituído, em suas palavras, pelos “oprimidos, os explorados, os sem voz”. Assim, dá ao povo uma conotação particularmente situada de massas exploradas. Candas menciona sua proximidade com “a definição *substantiva* de política de esquerda em geral”, que reflete o modo pelo qual o *populismo (descrição minimalista)* é *flexionado pela política de esquerda*. Isso é muito comum naqueles que usam o termo no sentido de *populismo (descrição minimalista)* e, de fato, eu diria, corresponde bem ao uso do termo populismo por Chantal Mouffe, que se destina a capturar não apenas os trabalhadores explorados (ou seja, a classe trabalhadora), mas também os oprimidos que incluem mulheres, LGBTQ e pessoas não brancas.

A definição de Candas de “populismo de esquerda como estratégia” é uma forma de *populismo (movimento social)* (*falsa*

*ideologia*) que é não-programático, afetivo, irracional e liderado. É importante sublinhar que nem todo *populismo (movimento social)* é necessariamente ligado, por exemplo, a um líder carismático ou a um programa político. O *Occupy Wall Street* era uma forma de *populismo (movimento social)*, mas sem liderança e não programático e era aberto ideologicamente. O movimento dos Coletes amarelos é, de forma similar, sem liderança, embora alguns programas estão emergindo (por exemplo, RIC – Referendo de Iniciativa Cidadã). Quando é uma forma de *populismo (falsa ideologia)*, tende a ser liderado e baseado em emoção e, como resultado, não programático.

Eu destacaria cautelosamente que a dicotomia entre estilos “racionais” e “afetivos” de política, que Candas delimita e localiza na distinção entre “populismo como substância” e “populismo como estratégia” – e que conduz seu chamado político pela necessidade radical por um “estilo racional de política” – é o produto da projeção de racionalismo sobre a política autêntica inclinada à esquerda em contraste com os elementos afetivos, emocionais e irracionais do *populismo (falsa ideologia)* de esquerda.

Os três pontos de Candas, então, podem ser resumidos da seguinte forma:

Primeiro, o *populismo (movimento social) (falsa ideologia)* de esquerda divide a esquerda, fratura o centro, e em última instância alimenta os populistas inclinados à direita, fazendo deles ainda mais fortes pelo enfraquecimento da política racional. É nesse sentido que Candas escreve: “a estratégia populista de esquerda pode ser reduzida ao seu oportunismo, mas seu

oportunismo é cego e míope, e está, em última instância, não apenas destinado a falhar diante da estratégia populista de direita, mas também ajuda populistas de direita a consolidar a política de estilo emocional, o princípio de liderança afetivo identitário e formas de dominação tradicional e carismática como as novas regras”.

Segundo, o argumento de Mouffe compra a ideia do “momento populista” e, ao fazer isso, o *populismo (movimento social) (falsa ideologia)* de esquerda corrói as instituições democráticas ao contribuir para a erosão populista de direita da política racional com liderança carismática em um estilo emocional.

Terceiro, o *populismo (movimento social)* de esquerda de Mouffe não está suficientemente atento à natureza eclética do *populismo (no poder)* de direita e, como resultado, é essencialmente enganado por eles e cai nas suas mãos.

Seyla Benhabib usa o termo predominantemente em seu sentido pejorativo de *populismo (autoritarismo)*, sugerindo que o *populismo (descrição minimalista)* ao longo do tempo “pavimenta o caminho para o autoritarismo”. Benhabib argumenta que o *populismo (descrição minimalista)* se baseia inerentemente em diversas premissas, incluindo que “apenas uma interpretação legítima do bem comum é dita como existente e todas as facções, bem como todas as diferenças, são consideradas como prejudiciais ao povo” e que “o povo é cada vez mais visto como uma massa homogênea”. Isso não é parte da descrição minimalista, mas, de acordo com Benhabib, é inevitável e necessário.

Quando discute o populismo de esquerda, Jean Cohen fala, sobretudo, no registro pejorativo de populismo (autoritarismo), no sentido de que Cohen acredita que o populismo (descrição minimalista) de esquerda necessariamente tende à política iliberal. Cohen escreve: “Eu defendo que o populismo de esquerda não pode evitar o autoritarismo inerente à estratégia e à lógica do populismo, apesar dos projetos inclusivos e democratizantes dos movimentos de esquerda a que ele se liga e apesar da retórica democrático-socialista dos líderes populistas de esquerda e seus intelectuais orgânicos”. Para Cohen, isso acontece porque o populismo (descrição minimalista) está invariavelmente ligado a uma distinção schmittiana de amigo/inimigo e que, de direita ou de esquerda, “tem uma afinidade eletiva com o ‘autoritarismo competitivo’”. Estratégias populistas são, em suas palavras, “iliberais, antipluralistas, monistas, e majoritárias no mal sentido e, portanto, em última análise, minam as instituições e normas democráticas, o constitucionalismo e o estado de direito”.

No ensaio de Cohen, a transição ou deslize do *populismo (descrição minimalista) (movimento social)* para o *populismo (autoritarismo)* está embutida na própria definição de populismo, que, em sua consideração, inclui dois pilares centrais, entre outros, que são: a existência de uma significação hegemônica do povo incarnado em um líder forte e a construção de uma barreira ou fronteira entre o nós e o eles. Esses elementos da definição – que enfatizam a singularidade e a unidade da vontade coletiva e a fronteira entre nós e eles, duas características que não são necessárias para uma descrição minimalista de

antielitismo – empurram o populismo para o autoritarismo. Essas características, em conjunto com a liderança forte, são inevitavelmente antidemocráticas, de acordo com Cohen, porque elas jogam com afeto e política de identidade, corroem instituições democráticas e erodem o pluralismo e a disposição para negociar.

Especialmente em sua apresentação oral, Didier Fassin usou o termo classicamente em seu modo *populismo (falsa ideologia)*: populistas não representam realmente o povo ou a maioria, mas promovem o interesse de uma elite sob o disfarce de falar pelo povo. Populismo é, com efeito, um discurso hipócrita que promove a elite. Em seu ensaio, Fassin (2019) escreve: “populismo de direita é frequentemente um cavalo de Troia para o neoliberalismo. Há abundantes exemplos, mas um deveria bastar. A chegada ao poder de Donald Trump é uma vitória eleitoral para o populismo, mas uma vitória política para o neoliberalismo. A figura grotesca do presidente [...] permite que seus aliados políticos e doadores ricos avancem discretamente a sua agenda neoliberal”. O ponto aqui é que o populismo nem sequer defende o povo.

Federico Finchelstein cada vez mais toma a posição de que o *populismo (descrição minimalista)* de esquerda “tende” ao *populismo (autoritarismo)*. Essa é uma posição nova, eu acredito. Seu último livro, *From Fascism to Populism in History* (2017), toma a posição de que o *populismo (autoritarismo)* ou o que ele chama de “fascismo” produziu diferentes regimes de *populismo (no poder)* na América Latina. A direção era do fas-

cismo para o populismo, mas eu tenho a sensação de que Finchelstein agora vê também o caminho inverso.

Eu argumentaria que é possível ter um *populismo (movimento social)*, como Bernie Sanders, que não necessariamente tende ao *populismo (autoritarismo)*. Ou um *populismo (movimento social)* como o *Occupy Wall Street* que não favorece um líder forte. A noção dos 99% durante o movimento *Occupy* era precisamente um apelo retórico ao povo como oposto à elite do 1%. Era *populista (descrição minimalista)*. E há muito no movimento atual dos Coletes amarelos na França que possui um ar *populista (movimento social)*, incluindo o uso extensivo da bandeira da França. Esse movimento também é inteiramente sem líder, mas faz a mesma reivindicação de representar o povo contra os oligarcas.

Eu, como nominalista, novamente, fico desconfortável com a retenção do rótulo “populismo”, especialmente porque gera mais confusão e argumento-por-definição que clareza. Mas se retemos o termo, então é crucial que o desambiguemos o máximo possível. Além do mais, se recuperarmos uma definição restrita de *populismo (descrição minimalista)*, eu acredito que a questão então se torna mais empírica que abstrata ou teórica. A questão do autoritarismo ou antipluralismo é menos uma questão do que é inerentemente verdadeiro a respeito do populismo e mais uma reivindicação histórica e empírica, e as questões seriam, empiricamente, por exemplo: 1) quais são os atributos adicionais (ou variáveis) que tendem a empurrar o *populismo (descrição minimalista)* no sentido do *populismo (autoritarismo)*? 2) o apelo ao “povo” pode ser bem-sucedido na

esquerda? 3) quanta construção de coalizão é possível aos populistas de direita (como Müller pergunta)? Etc.

Em muito da discussão há um deslize ao *populismo* (*autoritarismo*) sem argumentação suficiente para a sua necessidade. É inerente à lógica do *populismo* (*descrição minimalista*) que ele se torne autoritário – em um tipo de maneira sintética *a priori*? Ou, em lugar disso, é a história que demonstra que isso é mais provável de acontecer? E nós estamos sendo suficientemente cuidadosos na seleção de nosso conjunto de exemplos históricos? E quanto aos movimentos agrários americanos do século XIX e o *Occupy*?

Naturalmente, a dificuldade com o termo “populismo” acomete também muitos outros termos políticos, especialmente aqueles como “neoliberalismo” que são predominantemente usados de uma maneira negativa. De fato, nós devemos dizer que se um rótulo político está sendo usado de maneira pejorativa ele é inerentemente instável. Mas outros termos também, como “fascismo”, “liberalismo”, “totalitarismo”, “democracia” e “pluralismo”, entre outros, pedem similar cuidado e desambiguação. Isso não significa que nós devemos nos livrar de todos os conceitos políticos, e nisso eu concordo com Jean Cohen (mas por outras razões); no entanto, isso levanta a questão central de o que exatamente fazer com eles – se construímos tipos ideais e definições, ou realizamos genealogias de seu uso, ou os mapeamos no espaço e no tempo. No que diz respeito ao último, é bem possível que, em lugar de definir esses rótulos, faça mais sentido localizar movimentos sociais e regimes políti-

cos realmente existentes em um espaço demarcado por algumas dimensões chave, como:

1. Concentração ou dispersão da força política – se nas mãos de uma pessoa, ou um partido, ou um campo, ou todo o corpo social (por referendo);

2. Facilidade ou dificuldade de contestação do poder político, de resistência à dominação política ou civil;

3. Privilégio de uma hierarquia social ou política (privilegiando uma elite) *versus* relações sociais mais horizontais e igualitárias (tratando igualmente todos os cidadãos).

Nós temos a tendência a usar rótulos políticos por meio de uma aglomeração de um punhado de regimes históricos como ilustrações do termo. Por exemplo ao juntar Chávez e Morales como “populistas de esquerda”, o que então nos diz algo a respeito de seus níveis de autoritarismo – ou Mussolini e Hitler como fascistas, ou Hitler e Stalin como totalitários, o que, novamente, nos diz algo a respeito das qualidades inerentes do fascismo e do totalitarismo. Mas isso de fato inverte a lógica argumentativa.

Devemos então retornar a Max Weber, ou seguir para Foucault, ou mesmo olhar em outro lugar? Essas são, claro, questões muito maiores, mas elas estão inextricavelmente ligadas ao problema que nos propusemos a abordar no *Práxis 9/13*. Eu comecei dizendo que o debate sobre o populismo foi uma lição prática [*object lesson*] para o nominalismo – talvez eu devesse ter escrito “abjeta”! Isso realmente destaca o atoleiro da

aplicação de rótulos abstratos a singularidades realmente existentes.

Em última análise, portanto, para os propósitos desse debate, eu limparia o terreno e contestaria a suposição – apresentada por muitos estudiosos hoje – de que há algo inerente e necessariamente autoritário a respeito do *populismo (descrição minimalista)*. Então eu retornaria ao novo livro de Chantal Mouffe com outros olhos e levantaria a questão direta: Isso pode funcionar? Nos Estados Unidos, por exemplo, ajudaria a conter a tomada de poder pelo Presidente Trump e pela Nova Direita?

Mouffe argumenta por uma forma leve de discurso estratégico do populismo na esquerda de forma a reunir uma ampla coalizão de todos aqueles que foram deixados para trás durante os últimos quarenta anos de neoliberalismo global monolítico e hegemônico. É um dispositivo discursivo antiessencialista, Mouffe defende. O populismo de esquerda pode construir um amplo “nós, o povo” ao redor de demandas não satisfeitas de todos aqueles que hoje se sentem excluídos – não apenas a classe trabalhadora, mas também mulheres, minorias, LGBTQ, imigrantes, e outras populações marginalizadas. O objetivo dela é reunir todos aqueles que se sentem deixados de fora, incluindo aqueles que sucumbiram ao discurso populista de direita, e uni-los todos contra os oligarcas, contra aqueles no poder.

Isso pode funcionar? E se a resposta é que não ou que é improvável, então, o que devemos fazer?

Recebido em 20/10/2019, aprovado em 05/05/2020.

*Original: "Disambiguating Populism", Praxis 13/13 blog, organizado pelo Centro para Pensamento Crítico Contemporâneo da Universidade Columbia (CCCCT). Disponível em: <http://blogs.law.columbia.edu/praxis1313/bernard-e-harcourt-disambiguating-populism/>*

## Referências bibliográficas

BENHABIB, S. Brief Reflections on Populism (Left or Right).

*Critique & Praxis 13/13*, [S.I.], fev. 2019. Disponível em: <<http://blogs.law.columbia.edu/praxis1313/seyla-benhajib-brief-reflections-on-populism-left-or-right/>>. Acesso em: 27 abril de 2020.

CANDAS, A. Left Populist “Strategy” as Affective-Identitarianism: A Missed Opportunity at a Critical Moment when Substantive, Rational, Non-Affective, Programmatic Left-Leaning Policies/Politics are Immediate – and Generalizable – Needs. *Critique & Praxis 13/13*, [S.I.], fev. 2019. Disponível em: <<http://blogs.law.columbia.edu/praxis1313/ayesen-candas-left-populist-strategy-as-affective-identitarianism/>> Acesso em: 27 abril de 2020.

COHEN, J.L. What’s Wrong with the Normative Theory (and the Actual Practice) of Left Populism?. *Critique & Praxis 13/13*, [S.I.], fev. 2019. Disponível em: <<http://blogs.law.columbia.edu/praxis1313/jean-l-cohen-whats-wrong-with-the-normative-theory-and-the-actual-practice-of-left-populism/>>. Acesso em: 27 abril de 2020.

FASSIN, D. On Left Populism. *Critique & Praxis* 13/13, [S.I.], fev. 2019. Disponível em: <<http://blogs.law.columbia.edu/praxis1313/didier-fassin-on-left-populism/>>. Acesso em: 27 abril de 2020.

FINCHELSTEIN, F. *From Fascism to Populism in History*. Berkeley: University of California Press, 2017.

FINCHELSTEIN, F. Populism of the Left?. *Critique & Praxis* 13/13, [S.I.], fev. 2019. Disponível em: <<http://blogs.law.columbia.edu/praxis1313/federico-finchelstein-populism-of-the-left/>>. Acesso em: 27 abril de 2020.

MÜLLER, J-W. The Rise and Rise of Populism. *Critique & Praxis* 13/13, [S.I.], jan. 2019. Disponível em: <<http://blogs.law.columbia.edu/praxis1313/jan-werner-muller-the-rise-and-rise-of-populism/>>. Acesso em: 27 abril de 2020.

MÜLLER, J-W. *What is Populism?*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016.

SANDERS, B. *Guide to Political Revolution*. New York: Henry Holt and Co, 2017.

URBINATI, N. Political Theory of Populism. *Critique & Praxis* 13/13, [S.I.], jan. 2019. Disponível em: <<http://blogs.law.columbia.edu/praxis1313/nadia-urbinati-political-theory-of-populism/>>. Acesso em: 27 abril de 2020.